



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Acordo de trégua no Mar Negro

Rússia e Ucrânia concordam em "eliminar o uso da força" contra navios no corredor de exportação de grãos. Moscou também aceita suspender bombardeios a refinarias, gasodutos e centrais elétricas

» RODRIGO CRAVEIRO

As reuniões entre emissários da Ucrânia, da Rússia e dos Estados Unidos em Riad (Arábia Saudita) produziram os primeiros resultados promissores, depois de 1.125 dias de guerra no Leste Europeu. Kiev e Moscou acordaram "eliminar o uso da força" no Mar Negro, um importante corredor de exportação de grãos para o Mar Mediterrâneo, via Estreito de Bósforo. O compromisso de cessar-fogo marítimo é considerado o primeiro passo rumo a uma trégua abrangente.

Por meio de duas declarações separadas, a Casa Branca confirmou que Rússia e Ucrânia concordaram em "garantir a segurança da navegação, eliminar o uso da força e prevenir o uso de navios comerciais para fins militares no Mar Negro". O governo do republicano Donald Trump, por sua vez, prometeu "apoiar os esforços (da Ucrânia) para a troca de prisioneiros, a libertação de civis e o retorno das crianças ucranianas deslocadas à força".

Apesar do avanço nas negociações, o governo do presidente russo, Vladimir Putin, informou que o acordo somente entrará em vigor quando as sanções ao comércio de grãos e fertilizantes da Rússia forem levantadas. O Kremlin anunciou que os EUA vão "contribuir" para "restabelecer o acesso das exportações russas de produtos agrícolas e fertilizantes ao mercado mundial, a reduzir o custo dos seguros marítimos".

Sanções

Moscou exige a suspensão das restrições impostas ao banco agrícola Rosselkhozbank, a produtores e exportadores de alimentos e fertilizantes, bem como a empresas que asseguram os carregamentos. O Kremlin também anunciou que respeitará uma trégua de 30 dias em relação à infraestrutura energética — refinarias, gasodutos e centrais elétricas da Ucrânia.



É muito cedo para dizer se vai funcionar, mas essas foram as reuniões certas, as decisões certas, e (constituem) o passo certo. Ninguém pode acusar a Ucrânia de não avançar em direção à paz sustentável depois disso"

Volodymyr Zelensky,
presidente da Ucrânia

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, considerou que o seu país deu o "passo certo". "É muito cedo para dizer se vai funcionar, mas essas foram as reuniões certas, as decisões certas, e (constituem) o passo certo. Ninguém pode acusar a Ucrânia de não avançar em direção à paz sustentável depois disso", declarou, em entrevista coletiva.

Mais tarde, ele tornou a comentar o acordo, em mensagem na rede social X. "O comportamento da Rússia nos próximos dias revelará muito — se não tudo. Se houver alertas de ataque aéreo novamente, se houver atividade militar renovada no Mar Negro, se as manipulações e ameaças da Rússia prosseguirem, então, novas medidas precisarão ser tomadas, especificamente contra Moscou. A diplomacia deve funcionar. Do lado ucraniano, estamos fazendo de tudo para que isso ocorra."

Zelensky foi incisivo ao citar a posição de Moscou. "Não confiamos neles (russos). Francamente, o mundo não confia na Rússia. Eles devem provar que estão verdadeiramente prontos para pôr fim à guerra — prontos para pararem de

Tetiana Dzhaferova/AFP



Sinalizadores iluminam o funeral do militar Oleksandr Oliinyk, em Kiev: enterros se tornaram rotina

mentir ao mundo, a Donald Trump e aos Estados Unidos", concluiu.

Olexiy Haran, professor de política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla, explicou ao **Correio** que o cessar-fogo firmado ontem é válido apenas para a infraestrutura energética. "Isso significa que as forças russas continuarão a bombardear o território ucraniano e os civis. Foi o que fizeram na segunda-feira em Sumi, quando um míssil feriu mais de 100 pessoas, incluindo crianças", afirmou.

De acordo com ele, o governo Zelensky propôs uma trégua completa, que teria sido rejeitada por Moscou. "É claro que consideramos positivo que nossa infraestrutura de energia não seja atacada, mas precisamos entender que a situação não é tão grave como era no inverno. Enquanto a Ucrânia ataca alvos militares, a Rússia bombardeia infraestrutura civil."

O estudioso ucraniano sublinhou que o cessar-fogo no Mar Negro foi mais fácil de se alcançar. "Em 2023, a Rússia se retirou de um acordo firmado com a Ucrânia, o qual possibilitava a exportação de grãos pelo corredor marítimo", lembrou Haran. "As forças ucranianas conseguiram expulsar a frota russa de grande parte do Mar Negro. Os ataques de Kiev mostraram-se efetivos e restabeleceram a rota dos grãos. Com o novo acordo, a Rússia terá algumas das sanções comerciais levantadas."

Cautela

Petro Burkovsky, analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev), afirmou não ver um acordo de cessar-fogo evidente. "Do lado da Rússia e

dos EUA, as negociações terminaram quando Moscou demandou o alívio de todas as sanções. Com isso, os americanos ganharam tempo, a fim de avaliarem se as sanções poderiam ser suspensas — o que dependerá das negociações entre Kiev e Washington", explicou.

Burkovsky admitiu ao **Correio** que os EUA não poderão suavizar as sanções, caso Rússia e Ucrânia mantenham os ataques. "Isso significa que, se a Ucrânia prosseguir com os bombardeios, a Rússia não aceitará aderir à proposta americana." Ele considera que a responsabilidade pela falta de um acordo mais amplo é dos EUA. "Os americanos não estão prontos para colocar pressão sobre os russos a fim de que detenham as hostilidades. Depois dessa decepção para Trump, a Casa Branca precisa tomar uma decisão — quem é o verdadeiro inimigo? A Rússia ou a Ucrânia?"

ESTADOS UNIDOS

Win McNamee/Getty Images/AFP



Trump escuta pergunta de repórter: escândalo histórico

Presidente minimiza vazamento de plano bélico

O presidente americano, Donald Trump, diminuiu a importância do vazamento de planos de bombardeio em um grupo de mensagens que incluiu um jornalista, e apoiou seu assessor de segurança nacional frente às acusações de incompetência. Em defesa de Michael Waltz, Trump declarou, em um telefonema à emissora NBC News, que esta foi "a única falha em dois meses, e não foi grave". Ele acrescentou que Waltz, cuja conta no aplicativo de mensagens Signal foi a fonte do vazamento, "aprendeu a lição".

Trump considera Jeffrey Goldberg, o jornalista que revelou ter sido adicionado por engano a um chat de altos funcionários do governo americano, um "depravado". "Ninguém se importa nem um pouco" com essa história, acrescentou, em referência ao artigo da revista *The Atlantic*, da qual Goldberg é redator-chefe.

Antes, o presidente republicano tinha saído em defesa de seu conselheiro de Segurança Nacional. Waltz "está fazendo o melhor que pode" e é "um homem bom", disse Trump. Segundo ele, Waltz não tem nada pelo que se desculpar e "provavelmente" irá se abster no "futuro imediato" de usar o Signal.

O serviço de imprensa da Casa Branca publicou um comunicado, no qual denunciou "uma tentativa coordenada de distrair a atenção do sucesso" dos recentes bombardeios americanos contra os huthis no Iêmen.

Panos quentes

"Nenhuma informação sigilosa foi compartilhada", disse a diretora de Inteligência nacional, Tulsi Gabbard, ao ser bombardeada com perguntas por congressistas democratas durante uma audiência do Senado programada antes do incidente. O chefe da Agência Central de Inteligência (CIA), John Ratcliffe, interrogado com Gabbard, admitiu ter participado da troca de mensagens sobre os preparativos de ataques aéreos contra os rebeldes huthis, que acabaram acontecendo em 15 de março.

Ele defendeu o que chamou de uso "autorizado e legal" do aplicativo privado para as trocas de informações entre o vice-presidente J.D. Vance, o secretário da Defesa, Pete Hegseth, e o chefe da diplomacia, Marco Rubio, entre outros.

Os democratas atacaram o governo e cobraram renúncias. O senador democrata criticou a "atitude negligente, imprudente e incompetente" de Waltz. "Estão falando de um suposto jornalista insidioso e muito desacreditado, que fez carreira difundindo calúnias", acusou Hegseth na segunda-feira. No X, a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, atacou o jornalista, dizendo que era "bem conhecido por suas inclinações sensacionalistas".

IGREJA CATÓLICA

Papa esteve à beira da morte, revelou médico

Em entrevista ao jornal *Corriere della Sera*, o doutor Sergio Alfieri, que coordenou a equipe médica do papa Francisco, revelou que, no momento mais crítico, considerou a possibilidade de interromper o tratamento. "Foi terrível, pensávamos verdadeiramente que não conseguiríamos salvá-lo", declarou Alfieri, em referência à crise respiratória com vômitos que o pontífice sofreu em 28 de fevereiro. "Tivemos que escolher entre parar e deixá-lo ir ou forçá-lo e tentar todos os medicamentos e terapias possíveis, correndo o risco muito alto de danificar outros órgãos. E, no fim, tomamos esse caminho."

Alfieri explicou também que o papa, que nunca perdeu a lucidez, delegou as decisões a seu assistente médico pessoal, Massimiliano Strappetti, em quem tem total confiança. Massimiliano Strappetti nos disse "tentem de tudo, não desistam" e "ninguém desistiu", contou Alfieri. "Foi sua consciência (da doença) que o manteve vivo", avaliou

o médico. Certa manhã, quando Francisco melhorou, o papa pediu a Alfieri para dar uma volta pela enfermaria. "Perguntamos se ele queria que fechássemos os quartos dos pacientes, mas, em vez disso, ele olhou ao redor em busca do olhar dos outros pacientes. Ele se movimentava em uma cadeira de rodas, um dia saiu da sala cinco vezes, talvez até mais", relatou.

Ainda segundo Alfieri, Francisco deu dinheiro a um dos ajudantes e pediu-lhe que comprasse pizza para toda a equipe médica e de enfermagem que o tratou. "Foi uma melhora contínua e entendi que ele havia decidido retornar a Santa Marta quando, uma manhã, ele me disse: 'Ainda estou vivo, quando voltamos para casa?'" O regresso para a residência no Vaticano ocorreu no último domingo, depois de 38 dias de hospitalização. O papa se recupera com reabilitação, ao mesmo tempo que trabalha em suas "atividades profissionais" e concelebra a missa, afirmou o

Tiziana Fabi/AFP



Sergio Alfieri: "Nós realmente imaginávamos que ele não conseguiria"

Vaticano. Francisco prossegue com o tratamento farmacológico e a fisioterapia, em particular a reabilitação respiratória "para

recuperar completamente o uso da respiração e da fala".

O pontífice argentino de 88 anos foi acometido de uma

pneumonia dupla que colocou sua vida em perigo por duas vezes. Francisco concelebrou a missa na capela que fica no segundo andar do edifício, mas nos últimos dois dias não recebeu visitas "além de seus colaboradores mais próximos", segundo o Vaticano. A previsão é de que o período de convalescença do papa dure pelo menos seis meses. O prognóstico do líder católico foi considerado "reservado" por vários dias. Hoje, Francisco não presidirá a audiência geral semanal, e o texto de sua catequese será transmitido por escrito. O Vaticano informou que, "provavelmente", ele também não estará presente na oração do Angelus de domingo.

A primeira aparição pública desde sua internação, em 14 de fevereiro, ocorreu no domingo passado, quando Jorge Mario Bergoglio apareceu debilitado e com a voz frágil saudando a multidão na sacada do hospital Gemelli, em Roma.